

Museu, cidade e imprensa: a cobertura local da inauguração do Museu Iberê Camargo (POA)¹

Mariana Silva SIRENA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo investiga a cobertura da imprensa de Porto Alegre (RS) sobre a inauguração do Museu Iberê Camargo, ocorrida em 2008. Objetiva compreender, através do estudo dos textos dos quatro principais periódicos da cidade acerca do fato, como o jornalismo local retratou a gênese de uma instituição referencial de arte contemporânea, identificando os principais formatos e temáticas da cobertura. A partir da pesquisa bibliográfica e do método da análise de conteúdo, verificou-se que, principalmente através de notas, a imprensa caracterizou o museu como espaço expositivo e de memória, sem deixar de dar especial destaque à arquitetura. A distinção conferida pela instituição a personalidades ficou evidente pela recorrência do assunto nas colunas sociais, enquanto os impactos do novo museu para a cidade apareceram de forma pontual.

Palavras-chave

Jornalismo cultural; museus; imprensa de Porto Alegre; Fundação Iberê Camargo.

1 Introdução

A inauguração do Museu Iberê Camargo em Porto Alegre, ocorrida em 30 de maio de 2008, foi um marco cultural em nível internacional não só por ser a consolidação de um grande projeto dedicado à arte, mas também por reverenciar o nome de um dos artistas brasileiros mais importantes do século XX. Iberê Camargo (1914-1994) pertence à geração de pintores que despontou nos anos de 1940, e aparece na história cultural gaúcha com grande destaque. Aliado ao nome do artista está o conceito de museu de arte contemporânea assumido na elaboração do espaço: o desenho do prédio, projetado pelo arquiteto português Álvaro Siza, conferiu novos significados ao local, seguindo tendências e colocando a cidade na rota da arte contemporânea internacional. O tema do presente artigo, resultado de pesquisa monográfica³, é a cobertura da imprensa local sobre a abertura deste museu.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), e-mail sirena.mariana@gmail.com.

³ A monografia “O museu na imprensa: a cobertura local da inauguração do museu Iberê Camargo” foi orientada pela professora Dra. Cida Golin, professora adjunta do DECOM e PPGCOM/UFRGS.

A decisiva participação do jornalismo na construção da imagem midiática do espaço museal, caracterizando-o e contextualizando-o a partir de escolhas editoriais, despertou para o interesse na compreensão de como a gênese de uma instituição referencial de arte contemporânea é retratada pelos jornais da cidade que a abriga, levando em consideração as dimensões locais do acontecimento. O estudo foi empreendido, primeiramente, através de pesquisa bibliográfica, buscando reflexões de autores sobre as relações entre os campos cultural e jornalístico e também sobre museus de arte contemporânea. Nesse sentido, ele dialoga diretamente com a dissertação de Luciano Alfonso (2009), que abordou a personalização do discurso jornalístico em torno do arquiteto do Museu Iberê Camargo na cobertura nacional e internacional da inauguração da instituição referida, servindo aqui como importante referência.

Em um segundo momento, foi utilizado o método da análise de conteúdo a partir do material publicado acerca do evento nos quatro principais jornais de Porto Alegre – Zero Hora, Correio do Povo, O Sul e Jornal do Comércio –, o que totalizou num corpus de 53 textos. O período englobado foi o da semana anterior e o da semana posterior à inauguração. Visando perceber a configuração do jornalismo cultural praticado nos jornais diários da cidade, foram identificados os formatos mais utilizados na cobertura. As temáticas mais recorrentes nos textos também foram destacadas e categorizadas nos grupos *museu*, *arquitetura*, *sociedade* e *cidade*. Estes grupos agregam, respectivamente, as noções do caráter expositivo e de memória do museu, a relevância da arquitetura do prédio, o poder simbólico relacionado ao espaço museal evidente nas colunas sociais e, por fim, os impactos que a nova instituição veio a causar na vida urbana.

Apresentamos aqui alguns pontos essenciais desta pesquisa.

2 Jornalismo, memória e cultura

Quando se fala da preservação do patrimônio cultural, e conseqüentemente de museus, fala-se do sentimento de pertença das pessoas a um determinado universo simbólico, historicamente comunicado. Como afirma Marília Cury (2005, p. 13), “preservar para comunicar as relações sociais mediadas pelo objeto musealizado e comunica-se para preservar o patrimônio como vetor de conhecimento sobre essas relações”. A entrada de um objeto no museu desencadeia um processo constante de ressignificações sobre este objeto, pois ele é mediação sobre relações sociais. A comunicação neste campo, portanto, acontece

tanto no nível da própria existência do objeto dentro do museu, mediando o seu contexto inicial de existência, quanto no nível da instituição, nas negociações de significados com a população através da elaboração institucional de textos.

O jornalismo insere-se nesta conjuntura em um nível diferente de comunicação, através de escolhas editoriais sobre outras escolhas, as das instituições museais. Dessa forma, ele participa da definição do patrimônio cultural de uma época. Levando em conta que “a participação no processo de (re)significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu e indivíduo exercendo a cidadania” (CURY, 2005, p. 15), a relação da atividade jornalística com os museus toca também no processo de construção da cidadania, pela reinterpretação das mensagens institucionais e sua contextualização a partir do fazer profissional para a apropriação do público.

A inauguração do Museu Iberê Camargo constituiu-se em uma pauta passível de ser trabalhada a partir desse prisma da preservação do patrimônio cultural, afinal, a instituição nascente preserva e comunica a obra de um artista plástico importante especialmente no contexto local. Mas é essencial levar em conta que, a partir dessa pauta, jogos de prestígio e poder, resultado do cruzamento entre os campos midiático e cultural, revelaram-se. Afinal, o jornalismo participa, junto a outras instituições referenciais, do processo de “criação de consensos sobre o que significa a cultura de uma época, consenso esse formado dentro do próprio sistema cultural” (GOLIN e CARDOSO, 2010, p. 195). O poder do jornal de dizer publicamente e de reforçar o prestígio dos sujeitos ou assuntos que participam da sua narrativa é o de construir veracidades que influenciam na configuração do campo da cultura.

As trocas simbólicas entre os campos em questão envolvem a negociação de certos valores: a credibilidade, primordial para o campo do jornalismo, depende do “efeito de verdade” das fontes do campo cultural que referendam o seu discurso, ao mesmo tempo em que a visibilidade, essencial no campo cultural, é reforçada na interação com o campo midiático (GOLIN e CARDOSO, 2010). Nessas trocas, os campos influenciam-se e constroem-se, ainda que mantendo a autonomia na especificidade profissional dos sujeitos que atuam na produção de bens simbólicos.

Mas em se tratando de um museu de arte como o aqui estudado, uma outra relação entre campos precisa ser considerada: a relação entre o campo das artes e os museus. Os museus são instâncias de legitimação de artistas pelo seu caráter expositivo, ao lado das

galerias. Outras instâncias como as “de consagração (academias, salões, etc.), de reprodução dos produtores e dos consumidores (escolas de Belas Artes, etc.), agentes especializados (comerciantes, críticos, historiadores da arte, colecionadores, etc.)” (BOURDIEU, 2003, p. 289), também fazem parte deste processo, que deriva da autonomização do campo artístico em suas formas próprias de reconhecimento e reprodução.

A sacralização da obra de arte, que é arbitrária e envolve uma “imposição de valor em um lugar consagrado e consagrante” (BOURDIEU, 2003, p. 285), também acontece nas instituições museais. As propriedades estéticas conferidas a certas obras de forma a congregar valor ou retirá-lo não são naturais, mas sim fruto do jogo de legitimação dentro do campo. Quem tem acesso ao capital simbólico específico desta esfera, aos elementos formais para a apreciação das artes, consegue usufruir a produção simbólica do campo. O prestígio do acesso a este capital é reconhecido socialmente por estar diretamente ligado às condições de aquisição. A sua distribuição é desigual, o que gera desafios também para os museus abarcarem diferentes públicos, principalmente em uma época em que as ações educativas estão cada vez mais voltadas à apropriação universal dos objetos musealizados.

A partir disso, pode-se dizer que quando o museu de arte contemporânea torna-se pauta para o jornalismo cultural, relações diversas do campo da cultura e das artes transpassam o texto jornalístico – ele próprio elemento participante da configuração dos referidos campos. A questão da preservação do patrimônio cultural guia, até certo ponto, a cobertura da imprensa, sem ser aspecto único enfatizado pelos jornalistas. A seguir, apresentamos algumas considerações acerca do artista celebrado, do museu a ele dedicado e sua inserção na cidade. Após, os diversos fatores presentes nesta cobertura serão identificados nos textos em análise, e contextualizados na relação entre campos.

3 Artista, museu e cidade

Em 30 de maio de 2008 as portas da atual sede da Fundação Iberê Camargo, antes estabelecida na residência onde vive a viúva do pintor e gravurista, foram abertas ao público, e o Museu Iberê Camargo passou a abrigar grande parte da coleção de obras de Iberê e documentos relativos à sua trajetória. Nascido em 18 de novembro de 1914 em Restinga Seca, Iberê adotou a sua própria biografia como elemento de representação, projetando na sua produção o sentido de eternidade de sua história pessoal e valorizando o

aspecto da memória, a começar pela conhecida série dos “Carretéis”. A forma que remetia ao objeto utilizado como brinquedo na sua infância acabou tornando-se um signo recorrente no conjunto de seus trabalhos.

Em um texto autobiográfico, Iberê afirma: “A memória é a gaveta dos guardados. Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser” (CAMARGO, 1998). O desejo de institucionalizar sua produção é uma constante na sua trajetória, como relembra Flávio Gil (2008). O pesquisador realizou um estudo acerca do processo de legitimação e institucionalização da obra do artista a partir do ponto de vista da comunicação. A criação de uma instituição monográfica (instituição que se dedica à memória e visibilidade do legado) sintoniza-se assim, segundo ele, com o espírito da obra de Iberê.

A concretização do Museu Iberê Camargo com toda a pompa que a circundou constituiu-se, utilizando a classificação de Bourdieu (2003), como um discurso de celebração – nomeadamente, a biografia – em torno de um sujeito produtor do campo artístico. O reconhecimento passa pela biografia, que “desempenha um papel determinante, menos, sem dúvida, pelo que ela diz acerca do pintor e da sua obra, do que pelo fato de o constituir em personagem memorável, digna do relato histórico, à maneira dos homens de Estado e dos poetas” (BOURDIEU, 2003, p. 290). Pinturas, gravuras, guaches e desenhos dentre vários estudos de Iberê estão reunidos no Museu Iberê Camargo, além de um acervo documental com cartas, recortes da imprensa, fotografias, cadernos de anotações que totalizam aproximadamente 20 mil peças, o que reforça o caráter monográfico e celebrativo da instituição. Exposições temporárias deste acervo são organizadas regularmente para o público por curadores convidados, de forma a explorar os diversos momentos da trajetória do artista.

Mas o Museu Iberê Camargo volta as suas atividades não apenas para a conservação e comunicação da obra do pintor celebrado. Trata-se de um importante espaço de exposições temporárias de artistas nacionais e internacionais de arte contemporânea. Concebido para ser uma experiência de arte, e não só espaço expositivo de obras de arte – e assim seguindo as tendências mundiais dos museus de arte contemporânea –, ele foi concebido para provocar os sentidos para além da apreciação de exposições. As suas ações educativas são pensadas para a vivência estética do prédio por parte do visitante, o que evidencia a arquitetura como elemento fundamental neste contexto.

Alfonso (2009) aponta em sua pesquisa que, no caso aqui estudado, a imprensa captou a importância que a visualidade vem ganhando no contexto urbano, e que atinge as instituições museais de arte contemporânea. O arquiteto vem sendo tratado como um artista ele próprio, pensando as linhas da construção de acordo com o acervo e seguindo determinados movimentos arquitetônicos específicos. Afinal, “em que outro lugar da cidade pode materializar de forma mais expressiva um ideal de vanguarda estética e cultural do que num edifício projectado por um arquitecto contemporâneo (de preferência de renome internacional), tendo como tema programático a arte actual?” (Barranha, 2006, p. 184).

Como bem recupera Alfonso (2009), esta crescente relevância da arquitetura museal refere-se muito ao caráter espetacular que os museus adquirem na pós-modernidade, tendo suas funções extra-expositivas e de entretenimento valorizadas no conjunto que se pretende vender ao visitante. No caso do Museu Iberê Camargo, foi o arquiteto português Álvaro Siza, reconhecido internacionalmente por elaborar as linhas do prédio de acordo com a paisagem circundante, como um museu orgânico⁴, que delineou a construção. O seu projeto foi agraciado com o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2002, e recebeu outros importantes prêmios.



Fig. 1: Museu Iberê Camargo, exterior e hall de entrada (Divulgação/FIC)

Barranha (2006) também observa que a arquitetura vem participando de um processo pelo qual as tradicionais funções de conservação, educação e exposição dos museus vêm sendo transcendidas. As instituições museais, segundo a autora, articulam-se

⁴ O conceito de museu orgânico surgiu na escola de arquitetura orgânica, e diz respeito à arquitetura do museu quando integrada com a paisagem circundante, ou em harmonia com ela (ALFONSO, 2009).

no tecido da cidade de maneira complexa na contemporaneidade: elas passam a ser integradas nas rotas turísticas e de lazer, relacionando-se com as lógicas do consumo e da cultura da imagem. Dinâmicas urbanas são afetadas nessa relação, seja na redefinição de fluxos de movimento, na requalificação de áreas periféricas, na criação de novos percursos e espaços públicos ou na reabilitação de prédios antigos para o abrigo de acervos.

Dois exemplos emblemáticos desta tendência são o Guggenheim de Bilbao, que segundo uma pesquisa realizada por meio de questionário aplicado aos visitantes pela própria instituição tem 58,7% de seu público atraído pela experiência arquitetônica; e o Tate Modern de Londres, que fez parte de um projeto de redefinição de uma área industrial obsoleta na margem do Rio Tâmisa, transformando a região em um novo foco de turismo e lazer na cidade (BARRANHA, 2006). O Museu Iberê Camargo aparece interferindo na configuração urbana de Porto Alegre de forma semelhante, chamando a atenção do público para a componente arquitetônica como atrativo fundamental. Por estar em uma zona não central da cidade e anteriormente não relacionada à questão do lazer, cria novos fluxos de movimento de pessoas e redefine o panorama cultural local. O valor-notícia da proximidade, se levarmos em consideração este contexto de inter-relações entre o Museu Iberê Camargo e a cidade, pode assim ser elemento de problematização da cobertura em estudo, como veremos a seguir.

4 O novo museu sob o olhar do jornalismo local

A análise do nosso corpus, composto pelo universo de 53 textos publicados pelos jornais Zero Hora, Correio do Povo, Jornal do Comércio e O Sul⁵ entre os dias 23 de maio e 6 de junho de 2008 acerca da inauguração, permitiu algumas inferências tanto sobre as noções ligadas à ideia de museu utilizadas pela imprensa quanto sobre a configuração do jornalismo cultural realizado nos jornais diários da cidade. A quantificação do material em termos de formatos revelou a predominância de notas de serviço na cobertura. Elas totalizaram 37,74% do corpus: dos 53 textos, 20 são notas de serviço, 17 são notícias, 9 são notas de coluna social, 3 são perfis, 3 são artigos e 1 é infográfico.

Este número vai ao encontro do que Gadini (2009) constatou em seu estudo sobre a configuração dos cadernos de cultura e variedades brasileiros e a grande quantidade de

⁵ Todos estes jornais fizeram a cobertura jornalística do fato cultural em estudo, com maior ou menor grau de aprofundamento e contextualização – 26 textos foram publicados na Zero Hora, 14 no Jornal do Comércio, 8 no O Sul e 5 no Correio do Povo.

notas que podem neles ser encontradas. O autor retoma a caracterização de Lustosa (1996): “Os textos do segundo caderno são constituídos essencialmente de pequenas notas ou textos opinativos. Uma parcela ponderável do material publicado obedece a indicações dos próprios promotores da maioria dos eventos divulgados” (LUSTOSA, 1996, apud GADINI, 2009, p. 200).

Como um evento que estava na agenda da sociedade porto-alegrense e dos agentes do campo da cultura, é natural que a inauguração do Museu Iberê gerasse notas de serviço nos jornais diários da cidade reforçando o acontecimento que estava para se realizar – trata-se de um fato que possui as tradicionais características da noticiabilidade, como atualidade, universalidade e proximidade. Porém, se a perspectiva universalizante da produção cultural poderia gerar a discussão da produção simbólica não necessariamente ligada à facticidade cotidiana (GADINI, 2009, p. 200), o que se observa é a predominância do tratamento do fato em formato de nota, e não enquanto pauta para debates mais profundos a serem desenvolvidos em matérias e reportagens.

Além disso, das notícias, que totalizaram aproximadamente 32% do material, muitas não consultaram fontes, o que evidencia uma abordagem jornalística que pode ser considerada pouco aprofundada. Questões como o acesso à arte e ao capital simbólico, e até mesmo os investimentos públicos e privados na construção, que foram publicados brevemente, poderiam ter sido melhor exploradas. Foi ressaltada a centralidade do apoio do grupo Gerdau⁶, representado pelo empresário e curador da instituição, Jorge Gerdau Johannpeter, na concretização do projeto do museu, o que rendeu inclusive uma matéria de duas páginas no jornal Zero Hora focada na figura citada.

Outro dado interessante é que a cobertura que está inserida nos cadernos de cultura e variedades dos jornais do nosso corpus totaliza 73,58% do universo da pesquisa. Ou seja, o tema também foi pauta para editorias como geral e economia, o que é representativo no que toca a relação do campo da cultura com outros campos sociais.

Sobre as temáticas mais abordadas na cobertura, a análise indica preponderantemente para uma valorização do caráter expositivo e celebrativo da memória de Iberê Camargo por parte do museu. Este dado vai ao encontro das tradicionais concepções acerca de instituições museais, ligadas à conservação e organizações de mostras, assim como à catalogação, às ações educativas e à transmissão do legado artístico

⁶ Além deste grupo, outros seis patrocinadores contribuíram financeiramente com a instituição, de forma que 60,8% do investimento foi proveniente do setor privado através de leis de incentivo federal e estadual. O terreno foi cedido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

do pintor celebrado. Os textos em que esta caracterização predominou foram agrupados na categoria temática de análise intitulada *museu*, que englobou praticamente 40% do material coletado.

Uma das matérias publicadas no caderno semanal Cultura do jornal Zero Hora do dia 31 de maio de 2008, que foi dedicado inteiramente ao nascimento da instituição, por exemplo, coloca a memória do artista como o cerne das atividades do museu. O próprio título, “No real coração da instituição”, já especifica o que seria o “real” sentido do acontecimento da inauguração do museu no âmbito da arte: a preservação, a valorização e a comunicação do trabalho de Iberê, dentro da ideia de discurso de celebração pela biografia. A matéria explora um pouco do perfil do artista através das vozes atuantes e legitimadas do campo artístico: o jornalista entrevista os curadores da exposição “Moderno no Limite”, a primeira do museu dedicada à produção de Iberê Camargo, trazendo características de sua produção, e reforçando assim o seu prestígio no campo.

Nota-se que a abordagem jornalística levou o leitor para além da questão da visibilidade do prédio – elemento que chamou muito a atenção da imprensa no que toca a arquitetura e o arquiteto que o projetou (ALFONSO, 2009). Mas em termos de visualidade este elemento foi predominante nos jornais, principalmente devido às grandes fotografias publicadas da construção. No total, 26% do material coletado referiu-se à temática que categorizamos como *arquitetura*. Os dois cadernos do corpus que foram inteiramente dedicados à inauguração do Museu Iberê Camargo – o caderno Cultura de Zero Hora e o encarte Viver Iberê Camargo do Jornal do Comércio – deram destaque em suas capas a fotografias do prédio do museu, autorais e não de divulgação, cada veículo a partir de um diferente ângulo. Ambos os encartes apresentaram como destaque matérias sobre a arquitetura, tanto enfatizando a componente estética quanto a componente tecnológica.

O nome de Álvaro Siza apareceu de forma intensa e recorrente em todo o material, inclusive sendo referido enquanto gênio, assim como o “criador” protagonista do imaginário sobre a fundação, Iberê Camargo. Percebe-se que a imprensa reflete o movimento do campo dos museus de valorização da arquitetura, como por exemplo na matéria “Nasce uma obra de arte”, citando mais uma vez o Jornal Zero Hora, especificamente a edição de 30 de maio de 2008. A imagem em destaque é o retrato do arquiteto, posando com as obras de Iberê expostas em desfoque ao fundo, e mostrando assim um outro autor para além daquele que dá nome à instituição.

Em termos numéricos, foi notável também a grande quantidade de notas de coluna social na cobertura – elas totalizaram aproximadamente 24% do material coletado, e foram categorizadas no grupo *sociedade*. O museu é um espaço de prestígio, acessível a princípio para a apreciação daqueles que tiveram historicamente acesso ao capital simbólico do campo da produção cultural. O evento de inauguração de um museu é assim um lugar de visibilidade, o que se traduz na configuração da informação acerca dele dada nas colunas sociais. Afinal, “um rápido passeio pelas colunas sociais indica como as estruturas e relações de poder podem estar ali contidas, em uma ou outra nota” (GADINI, 2009, p. 204). Os textos desta categoria do corpus trataram principalmente do evento de inauguração, e o termo “poder” é inclusive utilizado algumas vezes para falar dos protagonistas da noite, na visão dos colunistas.

Na coluna Sociedade do jornal O Sul do dia 1º de junho de 2008, por exemplo, um breve trecho evidencia essa relação, referindo-se à abertura como “uma noite de muitos poderosos”, na percepção do jornalista. Percebe-se a intersecção entre o campo da economia e o da cultura, quando há uma apropriação do prestígio do espaço museal e do evento por parte de sujeitos notórios da política e empresários, enquanto que o acontecimento tem importância primordialmente na área cultural. Relações de poder de diversas esferas sociais transferem-se para as páginas da imprensa e são expressas através do texto, levando em conta a visibilidade da página e da assinatura do colunista, e, portanto, a troca simbólica aí presente.

As inter-relações implicadas entre o novo museu e a cidade foram abordadas de forma pontual pela imprensa local, colocando em questão o aprofundamento de assuntos ligados à dinâmica da vida urbana, e também o critério de noticiabilidade da proximidade para o jornalismo cultural. A categoria *cidade* englobou os textos que privilegiaram essa temática, que totalizaram em 10% do corpus. Por ser um fato cultural próximo aos leitores de Porto Alegre, pode-se dizer que a inauguração do Museu Iberê Camargo ganhou um espaço considerável na imprensa, porém este espaço não foi dedicado em grande medida às alterações estruturais do fluxo urbano que o evento viria a causar, e nem às questões de turismo. Ainda assim, alguns textos trouxeram pontos relacionados a este aspecto.

Uma das matérias do jornal Zero Hora, intitulada “Para mudar a cidade” e publicada na editoria de Geral no dia 25 de maio de 2008, aborda o museu enquanto intervenção no espaço urbano trazendo um infográfico com informações sobre o Guggenheim de Bilbao e o MAC Niterói, outros museus de arte contemporânea que causaram impacto em diversos

setores para além do cultural. A comparação implícita é emblemática, já que se demonstra a magnitude do fato em pauta a partir de exemplos de outras partes do mundo. Há ainda a matéria “A vizinhança comemora”, do mesmo jornal, publicada no dia 26 de maio de 2008, que traz a fala de um dos moradores do prédio ao lado do Museu Iberê Camargo evidenciando os transtornos decorrentes do período de construção, mas também da valorização dos imóveis da região. Luciano Alfonso observa que “essa valorização das áreas urbanas carrega consigo também uma valorização da produção cultural destes lugares-cidades. A arte, neste novo espaço do museu, se destaca como ferramenta importante de afirmação neste ambiente” (ALFONSO, 2009, p. 46).

Temáticas como estas que, a um primeiro olhar, podem parecer marginais em relação ao tema central da inauguração do museu e da celebração do artista, são essenciais para uma compreensão mais ampla do acontecimento.

Vale ressaltar também que a esfera do consumo, os visitantes do museu, quase não serviu como fonte para esta cobertura jornalística. Apenas uma das matérias do corpus apresenta as vozes de dois visitantes e suas opiniões sobre o prédio e as obras. A análise do material evidenciou que existe um olhar jornalístico que presta atenção nas tendências internacionais na área cultural, valorizando os aspectos complexos relacionados ao museu, mas este olhar aparece de forma restrita a alguns textos – a maior parte da cobertura foi gerada na lógica da notícia e da rápida informação.

5 Considerações Finais

A análise da cobertura de imprensa local sobre o surgimento de uma instituição de arte do porte do Museu Iberê Camargo proporcionou reflexões diversas sobre a configuração do jornalismo cultural feito atualmente em Porto Alegre. O levantamento dos formatos e temáticas mais utilizados pelos jornalistas durante o acompanhamento do nascimento do museu proporcionou algumas pistas para a compreensão de como a imprensa interpreta e comunica um acontecimento vultuoso da cultura, participando do processo de apropriação da instituição museal pela população.

Determinada por relações nem sempre simples entre as esferas jornalística e cultural, tal cobertura participou da construção pública do acontecimento, atribuindo-lhe alguns significados centrais, e silenciando sobre certos aspectos. A visão primordial sobre o fato em estudo ligou-o aos tradicionais sentidos de memória, preservação do patrimônio

cultural, celebração de um artista consagrado da história cultural gaúcha, etc. A catalogação de documentos relativos à trajetória de Iberê Camargo e as ações educativas, além da programação expositiva da instituição, foram apresentadas como pontos centrais do acontecimento.

Mas, se por um lado, esta temática foi o mais recorrente em termos numéricos, no que toca a visibilidade a arquitetura ganhou inegável destaque. As imagens do prédio, traduzido ele próprio pela imprensa como uma obra de arte, tomaram as páginas dos jornais. O nome de Álvaro Siza e os detalhes de seu projeto revelam a consonância da narrativa dos jornais em torno da instituição com o que se vem pensando sobre museus de arte contemporânea e seu caráter de espetáculo, de experiência a ser vivida pelo visitante. A inserção do museu no contexto urbano serviu também como pauta para alguns textos, que exploraram os impactos da construção para a dinâmica da cidade, ainda que estes tenham aparecido em quantidade reduzida.

As questões de poder e prestígio relacionadas ao evento também puderam ser percebidas nos textos das colunas sociais, que reforçaram a ligação entre personalidades de diferentes campos sociais com a visibilidade do espaço cultural no contexto do colunismo social. A visualidade destas seções, em geral repletas de retratos de pessoas notórias em eventos relevantes, torna-as ainda mais interessantes enquanto espaço de afirmação e construção de imagem de figuras públicas.

Em consonância com o que vem se fazendo no jornalismo cultural diário brasileiro, e tomando como referência as pesquisas de Gadini (2009), pode-se dizer que, em Porto Alegre, os jornais têm trabalhado com o formato de notas, ao invés de tomar os fatos culturais como pautas a serem desdobradas em textos longos. A imprensa local refletiu algumas tendências que vêm sendo identificadas internacionalmente no campo museal, valorizando certas temáticas, porém com pouco aprofundamento. Em um contexto cada vez mais complexo em termos de relações entre museu, cidade e população, cabe avaliar se uma cobertura por textos curtos contribui para a construção da cidadania dos leitores em seu direito de acesso ao processo de (re)significação cultural.

Referências bibliográficas

ALFONSO, Luciano. **Personalização como estratégia discursiva do jornalismo: o caso da Fundação Iberê Camargo**. UFRGS, Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRANHA, Helena. **Arquitetura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem**. In: SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.). *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos guardados**. Organização Augusto Massi. São Paulo: Edusp, 1998.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. USP, São Paulo, 2005. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes

GADINI, Sérgio. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

GIL, Flávio. **Iberê em obra, um breve estudo sobre a comunicação no processo de legitimação e institucionalização da obra de Iberê Camargo**. UFRGS, Porto Alegre, 2008. Monografia de conclusão de curso de graduação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. **Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade**. In: BOLAÑO, César, GOLIN, Cida e BRITTOS, Valério (org). *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RIVERA, Jorge. **El Periodismo Cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2005.